

Futebol feminino: desafios e estratégias de enfrentamento de um time de Manaus

Women's soccer: challenges and coping strategies of a team from Manaus

Elaine Regina de Almeida Batista*

Daniel Cerdeira de Souza**

Resumo

O Brasil é um país em que o futebol é interligado à identidade nacional, mas esse ainda é um lugar a ser conquistado e ressignificado para as mulheres praticantes deste esporte. Desse modo, essa pesquisa se propôs a compreender os desafios vivenciados por um grupo de mulheres jogadoras de futebol profissional na cidade de Manaus. Utilizamos a abordagem qualitativa e a coleta de dados foi feita através da entrevista semiestruturada. Participaram cinco mulheres jogadoras profissionais de um dos principais clubes de futebol da cidade e a análise dos dados usufruiu do modelo de análise de conteúdo. Como resultados, construímos cinco categorias: 1) A descoberta; 2) A inserção no futebol profissional; 3) As dificuldades e o ser mulher no futebol e 4) As estratégias de enfrentamento. Os resultados mostraram que os desafios das jogadoras estão concentrados em perspectivas de gênero, ou seja, o 'ser mulher no futebol' e que elas utilizam de estratégias de enfrentamento variadas para melhorar e manter o seu rendimento em campo. Pretendeu-se com esta pesquisa dar visibilidade ao universo das mulheres jogadoras profissionais de futebol feminino para que haja reconhecimento e incentivo por parte dos investidores, patrocinadores e apoiadores do futebol.

Palavras-chave: Futebol; Feminino; Mulheres jogadoras; Futebol Profissional.

* Psicóloga pós-graduada em Gênero, Sexualidade e Direitos Humanos pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), AM, Brasil; E-mail: reginaelaine@gmail.com

** Doutor em Psicologia Social e Cultura pela Universidade Federal de Santa Catarina; Professor na Universidade Federal do Amazonas na área de Psicologia Clínica - Terapia Cognitivo Comportamental, Manaus, AM, Brasil; E-mail: dancerdeira01@gmail.com

Abstract

Brazil is a country where soccer is interconnected to national identity, but this is still a place to be conquered and re-signified for women who practice this sport. Thus, this research aimed to understand the challenges experienced by a group of women professional soccer players in the city of Manaus. The qualitative approach was used and the data collection was done through the semi-structured interview. Five female professional players participated from one of the city's leading soccer clubs and the analysis of the data took advantage of the content analysis model. As a result, we have built five categories: 1) The discovery; 2) Integration into professional soccer; 3) The difficulties and being a woman in soccer and 4) The strategies of confrontation. The results showed that player's challenges are concentrated on gender perspectives, that is, the 'being a woman in soccer' and that they use varied coping strategies to improve and maintain their performance in the field. The purpose of this research was to give visibility to the universe of women professional soccer players so that there is recognition and encouragement from investors, sponsors and supporters of soccer.

Keywords: Soccer; Female; Women players; Professional Soccer.

Introdução

O futebol é um arquétipo cultural incontestável da sociedade brasileira, o qual é responsável por movimentos coletivos de grandes dimensões. Milhões de pessoas, de variadas classes sociais, se juntam em estádios ou em volta de um rádio ou televisão para constituírem a torcida pela vitória de seus times em várias partes do país (SOUZA, 2008).

Este esporte é uma forma de expressão sociocultural do povo brasileiro que articula significações e media relações que vão além de simples manifestações esportivas. Os brasileiros são basicamente obrigados a escolher um time de futebol desde quando nascem e crescem tendo que "torcer" para um time, mesmo que não acompanhe com muita frequência ou não goste do esporte, pois isto é uma maneira de identificação com a comunidade (CHAVES, 2013).

Há muito tempo, as mulheres têm estado presentes no futebol brasileiro, comparecem aos estádios, são espectadoras dos campeonatos, mantêm as notícias esportivas em dia, compartilham estas notícias, treinam, comentam, tornam-se técnicas, árbitras, fazem parte das equipes técnicas, entre outros, se apresentam com frequência no mundo do futebol e isso já não tem sido tanta novidade. Algumas destas mulheres claramente vão contra às convenções que foram designadas para o seu corpo e seu comportamento, contestando a hegemonia esportiva masculina que foi histórica e culturalmente moldada, além de enfrentarem preconceitos e formas de poder que estão atreladas a eles (GOELLNER, 2005).

De acordo com Sardinha (2011), existem algumas organizações que fazem o regulamento, a organização e apoiam o futebol no Brasil e no mundo. A mais conhecida dentre elas é a FIFA (Federação Internacional de Futebol) e ela tem o foco voltado para elaborar suas próprias competições internacionais e organizar o futebol em todo o mundo, expandindo e agregando os valores culturais da sociedade, incluindo a educação e aspectos humanitários por meio do desenvolvimento das suas atividades. No Brasil, é a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) que lidera, regula e fomenta a prática do futebol. Ambas organizações têm um comitê específico para a programação das copas do mundo de futebol feminino profissional, incluindo os grupos sub-17 e sub-20 (grupos com idade até dezessete e até vinte anos respectivamente).

Mas, mesmo existindo o gerenciamento o futebol feminino, esse gerenciamento tem atravessamentos de gênero: enquanto a seleção brasileira masculina participa dos jogos mundiais, causando um enorme impacto cultural no país, onde não há outra atividade cultural que represente melhor o patriotismo e o civilismo da população brasileira, a presença de mulheres raramente é abordada na história do futebol no Brasil. De um modo geral, a participação e a trajetória da mulher brasileira no futebol tem aspecto de um crescimento vagaroso em referência aos países europeus que buscam a realização de campeonatos, e, ainda assim, é notado que o investimento financeiro não se aproxima daquele do futebol masculino (SOUZA, 2008).

No começo da prática do futebol no Brasil, o esporte já era percebido como majoritariamente masculino. As mulheres que praticavam esse esporte eram sujeitas à discriminação e forte preconceito. Toda a trajetória do futebol foi vivenciada de modo diferente pelos homens, que, desde sempre, recebem incentivos, enquanto as mulheres eram consideradas não dignas ou inadequadas para o esporte. Bruhns (2000) afirma que enquanto o futebol começava a ser praticado por homens da elite no fim do século XIX em São Paulo e Rio de Janeiro, o público feminino que aderiu à prática fazia parte das classes mais desfavorecidas. Segundo essa mesma autora, foi apenas um passo do preconceito social para o esportivo. Dessa forma, os aspectos do estereótipo da mulher que praticava o futebol estavam caracterizados por dupla discriminação.

A literatura diverge em muitos pontos no que tange sobre os primórdios do futebol feminino, porém Unzelt (2002) conta que a primeira partida de futebol feminino aconteceu em 1921 e que a prática do futebol para as meninas e mulheres, sempre foi dificultosa, pois elas sempre passaram por desafios ao tomarem a decisão de ingressarem neste esporte. Em 1941, no Brasil, foi instaurado o Decreto-Lei 3.199-2, em que no artigo 54 falava que: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza devendo, para esse efeito, o Conselho Nacional de Desportos (CDN) baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. Pisani (2014) relata que o decreto foi instaurado perante a ideia, dentre outras, de que preservaria a saúde reprodutiva das mulheres, pois entendia-se que uma forte pancada no ventre seria capaz de deixá-las inférteis.

Já Morel e Salles (2006) explicaram que a primeira partida de futebol feminino na verdade, aconteceu antes, em 1895, quando disputaram as seleções da Escócia e da Inglaterra, e o primeiro jogo internacional foi em 1920 entre as seleções da Inglaterra e da França. Uma reportagem do jornal O Globo em 1976 chamou a atenção para a prática do futebol feminino de praia no Leblon (RJ) e era possível até já serem identificadas por alguns nomes de times. Mas de fato foi somente em 1979 que a deliberação do Decreto-Lei 3.199-2 (que as proibiu de jogar) foi revogada.

Franzini (2005) verifica então que das poucas referências encontradas na historiografia futebolística, o futebol feminino teve duas rápidas passagens intercaladas por quase meio século. O futebol feminino não teve e não tem o mesmo tratamento, movimentação e suporte como tem o futebol masculino. A história e a luta das mulheres para sua inserção nesse esporte em um país marcado pela discriminação, pois a representação masculina instituída e frequentemente reafirmada no decorrer da história do futebol no Brasil, permite que grande parte das mulheres nem se reconheçam no jogo, pois é considerado “coisa de homem”.

Além de que de acordo com Morel e Salles (2006) não é possível relatar a história do futebol feminino brasileiro apenas através do futebol de campo, mas sim também pela prática

do futebol na praia, do futebol *society* e do futebol de salão, pois eles constataram que a história da mulher no futebol brasileiro é um resultado dessas quatro possibilidades, já que não havia equipes o suficiente para cada possibilidade, portanto, uma mesma mulher jogava em várias modalidades.

Falando de um país como o Brasil, o futebol é um fator discursivamente atrelado à identidade nacional. Então se faz necessário pensar o quanto esse lugar ainda é, para as mulheres, um lugar a ser conquistado e também ressignificado, pois alguns sentidos são necessários serem visualizados também como ambiente para a mulher. Pois ainda que as mulheres tenham praticado futebol no século XX, é nítido que a prática feminina foi significativamente menor que a masculina na história (GOELLNER, 2005).

A falta de estrutura dificulta para as mulheres a sobrevivência através do esporte, com isso, se apresenta como algo que ainda precisa de atenção e visibilidade no que tange à estruturação e à profissionalização. Um projeto de lei enviado à Secretaria de Políticas para Mulheres sobre a profissionalização do futebol praticado pelas mulheres no Brasil previa sobre os direitos trabalhistas destas atletas, como a aposentadoria e o 13º salário. Sancionada em 2015, o que essa lei obriga é que os clubes que desejarem renegociar suas dívidas com o Estado, terão que investir parte da sua receita em categorias de base e acompanhamento do futebol feminino (ANJOS et. al. 2018).

Generoso (2016) também afirma que o futebol deve ser vendido de forma rápida, onde as transmissões de competições masculinas são cheias de propagandas de patrocinadores. Os times têm a receita de milhões em direitos de transmissão dos jogos, além de todo o *merchandising* na vestimenta dos clubes, entre outros. Já no futebol feminino é notado que esse investimento financeiro não existe. As remunerações dos jogadores homens chegam à faixa dos milhões, rendendo mais lucros às equipes. Além disso, o futebol masculino tem uma visibilidade maior, tem mais telespectadores e move a receita bem mais que o futebol feminino, o qual possui incentivos precários, quando possuem.

O futebol feminino brasileiro é pouco consumido porque está interligado histórica e culturalmente aos preconceitos de gênero, que, dentre outros fatos, fez com que mulheres se mantivessem distantes do futebol por muitos anos. Dessa maneira, para que o futebol feminino engrene, é preciso haver consumo, e para que exista o consumo, é necessário ter algum incentivo ou oferta (seja em produtos, equipes, competições) e assim que ocorrer o investimento, deve haver uma demanda. Entretanto, para que aconteça a demanda de consumo dessa modalidade, as jogadoras são orientadas pelos patrocinadores e diretores que se apresentem da forma mais próxima da normatividade feminina, tanto dentro como fora de campo, porque assim haverá desmistificação da ideia de que a jogadora de futebol não se cuida e/ou não cuida da aparência física (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2016).

A partir do exposto, o objetivo desta pesquisa foi compreender os desafios vivenciados e as estratégias de enfrentamento adotadas por um grupo de mulheres jogadoras de futebol profissional de um time de Manaus. A realidade local aponta que, em meados dos anos 60, houve um alto fluxo de contratações de atletas da modalidade masculina de outros estados para os times locais e isso contribuiu para o desprestígio do atleta regional e conseqüentemente a não valorização do futebol amazonense até os dias de hoje, fazendo com que restassem apenas dois clubes, o Manaus e o Nacional que representassem o estado na série D do campeonato brasileiro, mas diferente dessa realidade, o futebol feminino no Amazonas possui um time entre os melhores clubes do país, o qual faz parte da série A do campeonato brasileiro feminino,

competindo no campeonato da libertadores e sendo o clube anfitrião da competição realizada em Manaus. Além disso, adquiriu recordes de públicos e é atualmente o maior vencedor do campeonato estadual (LIMA; DANTAS, 2014).

Método

Esta pesquisa fez uso da abordagem qualitativa. Gerhardt e Silveira (2009) apontam que o foco da pesquisa de cunho qualitativo está concentrado na explicação dos motivos das coisas, sem quantificar os dados em análise, pois esses são considerados não-métricos. O modo de estudo aconteceu sob cunho exploratório, pois o intuito deste foi fornecer uma aproximação maior com o que é considerado problema, a fim de transformá-lo mais nítido ou de forma que consiga constituir hipóteses (CRESWELL, 2007; GIL, 2002).

A presente pesquisa foi realizada com o time de futebol feminino profissional Esporte Clube Iraduba da Amazônia, também conhecido como “Hulk da Amazônia”. Fundado em 2011, o time de futebol realiza seus treinos em centros de treinamento situados na cidade de Manaus. A pesquisa aconteceu nos jogos e treinos que foram realizados na cidade. A gestão do time emitiu um termo de anuência para que o estudo fosse realizado.

De modo geral, participaram da pesquisa cinco jogadoras, utilizando o critério de conveniência, em que as participantes foram selecionadas de acordo com sua disponibilidade em um momento determinado (GIL, 2002). Os critérios de inclusão foram: atletas jogadoras de futebol profissional feminino do Amazonas, a partir ou maiores de 18 anos. E os critérios de exclusão foram as atletas jogadoras profissionais de futebol feminino que decidiram desistir da pesquisa em qualquer momento. As jogadoras assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), para darem o devido conhecimento acerca da pesquisa realizada, autorizando sua participação.

Como instrumento de coleta, foi utilizada a entrevista semiestruturada de maneira individual. Esse instrumento tem o objetivo de compreender determinada realidade em específico, usufruindo de um mapeamento de práticas, crenças e valores de atmosferas sociais específicas (DUARTE, 2004). Essas entrevistas foram gravadas em áudio com a permissão da entrevistada, resguardando sua identidade e, posteriormente, transcritas (os áudios foram descartados após isto). Nelas foram desenvolvidos diálogos com as participantes que abordaram tópicos em relação à temática deste artigo. Havia um roteiro de entrevista com questões-chave a serem discutidas. A entrevista foi realizada em data previamente estipulada pelas próprias participantes, em um local reservado, com duração que não ultrapassou 40 minutos.

Os dados foram analisados a partir da técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2009). Esse procedimento organiza-se em três fases: I) Pré-Análise: organização de todos os materiais utilizados da coleta dos dados (correspondente à leitura e à transcrição dos dados). II) Exploração do Material: que consiste nas operações de codificação em função das regras que já foram previamente formuladas (imersão nos dados para criar as categorias de análise). III) Tratamento dos Resultados: É a fase de análise propriamente dita, em que os resultados brutos serão tratados de maneira a serem significativos (discussão dos dados).

Neste artigo, os nomes das atletas entrevistadas foram mantidos sob sigilo e para isso, esses mesmos nomes foram substituídos por pseudônimos que fazem referência a grandes nomes escalados na seleção brasileira de futebol feminino: Debinha, Andressinha, Marta,

Formiga e Barbara. O presente trabalho seguiu todos os critérios éticos propostos nas resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que direcionam o desenvolvimento de pesquisas com seres humanos no Brasil, podendo ser consultado através do código aprovado pelo CEP da Universidade do Estado do Amazonas, no código CAAE: 28486520.6.0000.5016.

Resultados e discussão

Caracterização das participantes:

Quadro 1 – Breve caracterização das participantes da pesquisa

Características	Debinha	Andressinha	Marta	Formiga	Bárbara
Cidade-natal	Barcarena-PA	Itacoatiara-AM	Manaus-AM	Urucurituba-AM	Manaus-AM
Idade	18	26	19	20	19
Fonte de renda (esportes)	Futebol	Futebol	Futebol	Futebol	Futebol e Jiu-Jitsu

Fonte: Pesquisa de campo (2020).

Percebeu-se no quadro 1 que mais da metade das entrevistadas nasceu e veio do interior de algum estado. Duas delas têm como cidade natal algum município interiorano do Amazonas e uma delas veio diretamente do interior do Pará para jogar futebol no Amazonas. Apenas duas delas nasceram na capital amazonense: Manaus. Outro ponto é que três das cinco entrevistadas têm idade não superior a vinte anos e estão iniciando suas carreiras no time de Manaus em questão. Outra questão é o fato da maioria das jogadoras ter como sua única fonte de renda a prática futebolística, sendo apenas uma a utilizar de sua aptidão em outro esporte para ter sua renda conquistada.

Aponta-se as categorias de análise que serão apresentadas, conforme metodologia proposta de Bardin (2009): 1) A descoberta; 2) A inserção no futebol profissional; 3) As dificuldades e o ser mulher no futebol e 4) As estratégias de enfrentamento.

A descoberta

Todas as atletas entrevistadas contaram que gostam de praticar futebol desde criança e uma delas chega a brincar com a possibilidade de já gostar do esporte desde antes do seu nascimento.

Cara, acho que desde a barriga da minha mãe. Mas assim, uns 10 anos, assim. Não que eu assistia, mas que eu já jogava em frente de casa, com meus primos e tudo na rua, aqueles joguinhos mesmo com a garrafa, com qualquer coisa que desse pra jogar [...] eu acho que eu tinha o quê? Uns 12 anos, 11 anos, mais ou menos por aí, meu pai me levou pra assistir, e depois eu pude jogar com eles, entendeu? Tipo, cara, quando eu vi aquela grama assim, eu fiquei...tipo, encantada, sabe? (Bárbara).

O que se percebe sobre o contato inicial com o futebol é que esse ocorreu de forma circunstancial na rua ou em casa, ou até mesmo em espaços públicos, sem que algum profissional esteja presente para quaisquer orientações, o que configura uma iniciação esportiva sem caráter estruturado. Sabe-se que as motivações para o esporte podem surgir dentro da família ou entre amigos, e este fato é considerado como influência positiva e estimulante para a continuação na modalidade (COSTA et. al, 2018).

Abordando sobre esse âmbito familiar e entre amigos, outra jogadora comentou sobre como a descoberta para o mundo do futebol aconteceu para ela: “Desde criança, eu sempre joguei futebol, meu pai gostava que eu jogasse, sempre me incentivou” (Andressinha).

Vilani e Samulski (2002) consideram que a família é um espaço social primário, em que a pessoa pode desenvolver suas potencialidades acerca do esporte. O encorajamento dos membros familiares é essencial para que a prática do esporte, para o jovem, obtenha sucesso. Além de tudo, a família tem o papel de alçar valores e fornecer apoio psicológico (VILANI; SAMULSKI, 2002).

Eu comecei a gostar de futebol desde bebezinha, eu comecei a gostar de futebol desde quando eu achei a camisa do time que meu irmão torcia. Ele tinha 10 anos quando ele faleceu, e aí ele deixou um conjunto da roupa que ele torcia, né, do time que ele torcia, no caso o Vasco, ele torcia pro Vasco. E aí eu comecei a usar e comecei a assistir assim aos jogos de futebol, comecei a brincar com meus primos, com meus tios (Debinha).

No geral, os fatores motivacionais são os principais no quesito para a realização de toda e qualquer atividade motora ou cognitiva, proporcionando ao máximo uma boa aprendizagem. O esporte é um fenômeno que chama a atenção dos sujeitos na sociedade contemporânea e nela, além de instituições como a escola ou o clube esportivo, a família tem papel fundamental em relação ao desenvolvimento das suas habilidades na formação esportiva (VERARDI; DE MARCO, 2008).

Cabe pensar aqui em como a descoberta para o futebol rompe com determinados estereótipos de gênero. Butler (2011) articulou, em seus estudos, que gênero é algo constituído por vários atos performativos que se repetem no decorrer do tempo, sustentados pelos discursos – também repetitivos – que geram o gênero. Logo, gênero não é algo que alguém gerou individualmente para si mesmo, mas sim algo que é construído e instituído pela repetição aprimorada de atos performativos: o sujeito teatraliza em falas, gestos, movimentações e encenações que aparentam um gênero estabelecido. Dessa maneira, podemos perceber que o interesse de meninas pelo futebol rompe com a performatividade de gênero estipulada socialmente para as meninas.

Louro (2014) explica que, na antiguidade, havia “cuidados” sobre os corpos das crianças, a forma de andar e de sentar, os modos de utilizar lapiseiras e cadernos, em que eram colocadas as mãos e também os pés, diferenciando o menino ou a menina. É claro que, hoje em dia, essas recomendações de cuidado sobre os atos entraram em desuso, mas há outras regras e teorias que reproduzem uma necessidade de distinção entre os sujeitos.

A mesma autora questiona, então, sobre a naturalidade esperada com que meninos e meninas se separem em diversas atividades cotidianas; a naturalidade esperada da diferença de escolha de brinquedos baseada no sexo; e a expectativa de aptidão e desempenho em várias

atividades fundamentadas apenas nas características de cada gênero. Como explicar-se-ia, portanto, a “mistura” de meninos e meninas em atividades de brincadeira, trabalho, entre outros? (LOURO, 2014). Como poderia ser explicado que uma menina, “devendo” atender ao estereótipo de seu gênero – que envolve delicadeza e sutileza –, pudesse desenvolver interesse e aptidão para o futebol, um esporte que é rápido e cheio de impactos corporais? A ascensão, ainda que lenta, da descoberta do futebol para cada nova jogadora faz com que esse estereótipo do gênero feminino, aos poucos, se desfaça.

A inserção no futebol profissional

A entrevistada Marta refletiu sobre as prévias motivações internas de se tornar uma jogadora profissional:

Olha, foi por etapas, porque assim... Como a gente sabe que não só aqui em Manaus, Amazonas, mas em todo o Brasil e em várias partes do mundo ainda tem muito preconceito com negócio de futebol e futsal feminino. Aí chegou uma época... Eu só fazia por diversão, tipo, eu só brincava, só ia pra me divertir, mas eu via que eu gostava demais daquilo, entendeu? Que eu queria pra minha vida mesmo (Marta).

A discussão acerca do trabalho no espaço do futebol feminino levanta questões para o debate sobre a atividade profissional dessas mulheres, pontuado de várias especificidades, derivadas de subsídios de gênero, trabalhistas e das próprias condições de atleta. Um desses pontos se refere ao regime e às condições de trabalho vividas por elas, as quais configuram a classe do trabalho informal. Essa classe, através de uma abordagem coloquial, seria tomada pela ausência da carteira de trabalho assinada e se pode considerar que a maior parte das jogadoras brasileiras de futebol usufrui desse trabalho informal (HAAG, 2018).

Outra entrevistada comentou sobre como aconteceu o chamado para praticar o esporte de modo profissional:

Aí, num joguinho, que eu fui em outra quadra, aqui perto também, um cara me chamou, sentou pra conversar e falou que tinha um time [...] que, até hoje, tem o futebol feminino aí. E falou que ia entrar nessa competição dessa quadra, né, e a gente meio que fez um acordo, ele já vinha me buscar em casa e tal. E a gente foi jogando outras coisas além disso, aí fui jogando com ele, jogando em outros times, depois mais que vim conhecer o Iranduba (Bárbara).

A fala de Bárbara traz reflexões de como para ela foi a inserção no futebol profissional e se percebe que o contratante do seu serviço fez o acordo de fornecer transporte para ela jogar pelo time. Silva (2012) explica que, no esporte futebol feminino, há ainda um déficit na infraestrutura e apoio financeiro, dificultando a criação e formação de uma equipe. O Brasil é um país que possui pouca estrutura para o futebol feminino, mesmo que atualmente já estejam acontecendo algumas mudanças acerca das determinações da FIFA (Federação Internacional de Futebol) e da CONMEBOL (Confederação Sul-Americana de Futebol) sobre as medidas tomadas em função da promoção da igualdade de gênero (ALMEIDA, 2018).

Algumas das jogadoras tiveram que sair de suas cidades natais para seguir a carreira profissional do futebol na capital e uma delas comenta como aconteceu:

Até então, eu tinha saído de Urucurituba pra jogar em Itacoatiara, no campeonato itacoatiarense, aí, de Itacoatiara, ela me convidou pra participar do time deles no campeonato Amazonense. Foi aí que fui jogar lá, aí com dois jogos contra o Iranduba, aí o técnico, o diretor técnico, se interessou muito pelo meu futebol, foi aí então que ele me ligou me lançando a proposta de jogar com eles e me tornar atleta profissional (Formiga).

Através das relações proporcionadas pelo futebol, algumas mulheres vêm questionando sobre os conceitos estabelecidos ao seu gênero, entendendo que as distinções entre o que é masculino e feminino são apenas uma distância construída tradicionalmente, que é útil somente para assegurar que um gênero seja superior ao outro. Essas relações funcionaram como base para que as mulheres jogadoras passassem a assumir um lugar mais atuante na sociedade, expandindo a sua presença nos espaços sociais devido à prática do esporte profissional (LIMA; SOUZA, 2016).

Isso, sobreviver daquilo! Tipo, meu Deus, eu quero ajudar minha família, fazendo isso que eu gosto, porque a melhor coisa que tem, mana, a gente saber que é uma diversão, mas que ao mesmo tempo se tornaria um trabalho, entendeu? [...] e pra mim foi, meu Deus, foi uma oportunidade bombástica porque nunca que eu iria achar na minha vida que eu ia conseguir uma bolsa num colégio particular através de futebol, e feminino ainda (Marta).

Em 3 de setembro de 2020, o jornal diário espanhol El País fez uma matéria sobre o anúncio da Confederação Brasileira de Futebol sobre a igualdade de pagamento de diárias e premiações para as seleções masculina e feminina. A correspondente conta que isto se deu por causa das contestações advindas das melhores jogadoras de futebol do mundo e acabou chegando ao Brasil, mesmo sendo um dos países considerados pouco igualitários. Tudo o que os jogadores homens recebem normalmente por convocação diária, as jogadoras mulheres passaram também a receber desde março de 2020 (GORTÁZAR, 2020).

A participação das brasileiras no mercado de trabalho cresce, incluindo as áreas anteriormente destinadas somente para os homens, como engenharia mecânica, carreira militar, transporte público, dentre outras. Isto se deve às mudanças emergentes nos últimos cinquenta anos no que tange os fatores sociais, econômicos e culturais. Apesar disto e de toda a legislação vigente, há várias barreiras impostas às mulheres e suas carreiras, o que culmina consequências negativas em sua ascensão e manutenção profissional (TEIXEIRA, 2019). No futebol feminino profissional, essa dinâmica não acontece diferente.

Divergente do futebol masculino, o futebol feminino não usufrui do mesmo contexto de valorização e reconhecimento social em razão da existência de relações de conflito de gênero, resultantes da inserção da mulher no universo esportivo, veementemente sustentado como de âmbito masculino. Nos esportes, em geral, onde os homens costumam desde sempre serem sua maioria, há o preconceito instaurado não somente por parte dos torcedores nas arquibancadas e mídia, mas também pelas corporações do esporte. Percebe-se isto pelas

menores premiações, menores salários, menos atenção por parte da mídia e campeonatos sem o devido investimento (FERREIRA, 2018).

As dificuldades e o ser mulher no futebol

O dia-a-dia das atletas do time de Manaus se apresenta recheado de desafios e alguns deles são o forte calor da cidade, a saudade de casa e da família, e sobre todos esses obstáculos, elas relataram que é preciso ter muita vontade de praticar o esporte para conseguir ultrapassá-los.

Normalmente não é valorizado, não só aqui em Manaus, no Amazonas, mas em várias partes do mundo. No Brasil mesmo, não é tão valorizado quanto o masculino. Então, tipo assim acaba que a gente tem que ter uma motivação a mais, entendeu? A gente tem que querer mais do que normalmente qualquer outro esporte queria assim, sabe? A gente tem que querer muito mais, acho que é esse o ponto principal (Marta).

No que tange a essa vontade citada pela jogadora, Araújo (2005) conta que em vez de defender a igualdade pensando em ocupar os espaços dos homens se comportando como eles, as mulheres têm buscado a igualdade tendo o direito de serem diferentes deles. Acontece que a tendência é de que os homens ainda sejam melhor visibilizados do que as mulheres e elas precisem se esforçar o dobro para que possam conquistar seu lugar no mundo profissional.

Apesar do Brasil ser considerado como “O País do Futebol”, é curioso perceber que a palavra futebol é totalmente associada à prática do esporte pelos homens. Para que seja reconhecido como futebol praticado pelas mulheres, é necessário que seja acrescentado o termo feminino como complemento. Já em outros esportes, como o basquete e o vôlei, isto não acontece. Perante a esse fato, sabe-se que ainda se tem um obstáculo de gênero para ser ultrapassado (SOUZA; MAUX; REBOUÇAS, 2019).

Segundo Haddad e Haddad (2017), Judith Butler sustenta a fala de Simone de Beauvoir sobre a ideia de que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Dessa forma, Butler argumenta que gênero não é uma identidade permanente de onde surgem vários atos, e sim uma identidade que é desenvolvida no tempo, e que mesmo que cada pessoa nasça com seu sexo biológico definindo ali o sexo masculino e feminino, não se pode definir sobre o papel do homem e da mulher, pois esses últimos são constituídos culturalmente e sofrem mudanças de acordo com a sociedade e o tempo, logo, a pessoa é um sujeito histórico.

Judith Butler também considera que o gênero masculino e feminino são uma estrutura de poder, em que a fonte é heterossexual, impondo ao sujeito as definições baseadas na sua genitália. Logo, ao mesmo tempo em que o sexo nas concepções da biologia se apresenta como um atributo anatômico, nas concepções de gênero, faz-se referência ao que é masculino e o que é feminino como uma construção social. Dessa forma, a cultura estabelece práticas consideradas femininas ou masculinas, as quais podem ser entendidas como o que Butler denominou de performatividade. E se se está fora dos tais comportamentos estabelecidos, chama-se de heteronormatividade. Então, é percebido que a realidade não é descrita pela identidade e, sim, imposta (HADDAD; HADDAD, 2017).

Perante a tudo isto, ao mentalizar uma mulher praticando o futebol, esporte considerado masculino, tem-se uma visão de comportamento fora da norma estabelecida, já que primeiramente, para esta norma, a mulher não devia estar ocupando um espaço que não é seu e nem fazendo algo que não é apropriado para o seu gênero. Uma das atletas conta que o principal desafio dentro e fora de campo é justamente o preconceito de gênero:

Pra mim e para outras meninas o maior desafio é o preconceito contra o futebol feminino, né? Que há uma desigualdade muito grande, com o feminino a gente enfrenta preconceito fora e dentro de campo. O preconceito que a gente enfrenta é que eles falam que o futebol não é pra mulher, futebol é pra homem, a gente que joga é homem, é feio, isso não é pra gente, a gente tem que arrumar outra coisa pra fazer, essas coisas, sabe? (Debinha)

Outra também relata sobre o mesmo tipo de preconceito: “Em relação ao preconceito, eu sofri bastante, principalmente em questão de escola. A única menina que jogava, o “machinho” da turma, sabe? Vários outros” (Bárbara).

Segundo Goellner (2005), os argumentos sustentados por esse tipo de discursos estão baseados em uma representação essencialista dos gêneros, a qual mantém a ideia de que a cada sexo são atribuídos alguns aspectos que lhe são próprios e que esses o definem. Presume-se, então, que há a existência de uma determinada essência masculina e uma feminina que são vistas como naturais e imutáveis. Mediante a esta perspectiva, há uma que se opõe: o gênero é uma construção social e, por ser assim, considera diferenças significativas para cada uma das unidades binárias (feminino/masculino).

A conexão existente entre a prática do futebol com a identidade sexual da jogadora se dá por conta de uma interpretação errônea acerca dos significados de identidade sexual e de gênero. Quando uma mulher pratica esse esporte, está adentrando em um espaço considerado masculino. Entretanto, isso não quer dizer que acontece uma relação causal com a sua identidade sexual. O que ocorre é que a ligação entre identidade de gênero, sexo biológico e identidade sexual ainda está inserida como norma no mundo heterossexista, onde qualquer aspecto que fuja à esta norma é motivo para preconceito (BATISTA; DEVIDE, 2009).

Torcida, essas coisas todas assim, de vez em quando soltam, entendeu? Tipo um jogador masculino errar um gol, tipo, passa e esquece. A mulher errar um gol é porque ela não tinha que estar aí, tinha que estar na cozinha, entendeu? Como se a mulher tivesse que ser perfeita. Nós somos ser humano, né? Todo mundo erra (Andressinha).

Voser et. al. (2014) realizou um estudo de mensuração e comparação dos fatores motivacionais para o esporte em atletas masculinos e femininos da modalidade de futsal adulto. Refletiu que os atletas masculinos são melhores recompensados financeiramente e que, devido a isso, é possível que estejam melhor preparados fisicamente e mais preocupados com seu status e imagem. Nas médias dos oito fatores avaliados (status, equipe, forma física, energia liberada, outros/situacionais, habilidades, amigos e diversão) entre o masculino e o feminino, foi concluído que todas elas foram superiores para o gênero masculino.

Diferente do futebol masculino, o futebol feminino não se utiliza do mesmo ar de visibilidade e do mesmo reconhecimento social devido às relações de embate de gênero,

advindos da inserção da mulher no mundo do esporte, aquele que é culturalmente entendido como masculino. De outro modo, o preconceito está atrelado à necessidade de garantir a reprodução da representação feminina de maternidade e de cuidadora do lar, de forma que impeça e/ou atrase a quebra da ideia que mantém a divisão binária entre homem vinculado ao “sexo forte” e mulher vinculada a “sexo frágil” como a única validada pela visão da sociedade (TEIXEIRA; CAMINHA, 2013).

A mesma atleta comenta ainda sobre essa ausência de visibilidade ser uma dificuldade:

Ah, a dificuldade, no futebol feminino tudo é muito dificultoso. Tipo, verba! Tudo é menor, a gente tem que se adaptar a uma coisa que no masculino tudo vem com mais visibilidade, tudo vem com mais facilidade, pra gente não. E além de tudo ainda tem o preconceito, né? Que mulher tem que tá na cozinha, mulher não tem que jogar bola, essas coisas (Andressinha).

A maior parte dos cargos ocupados nas federações e administrações dos clubes ainda é tomada por homens e todas as jogadoras entram em consenso ao afirmar que as maiores barreiras para o futebol feminino são: a falta de incentivo e o preconceito. Considera-se que há uma estrutura amadora nas ações das atletas, das federações e dos dirigentes dos clubes, fazendo com que essa seja uma das maiores dificuldades para que a modalidade seja profissionalizada. O modo como os agentes dominantes enxergam e gerem a modalidade demonstra desleixo na administração esportiva do futebol das mulheres, a falta de patrocínio, o desafio de sobreviver financeiramente do futebol e o de manter o condicionamento físico exigido resultam na manutenção do futebol feminino às margens da estrutura do esporte (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2016).

As estratégias de enfrentamento

As variadas formas de pressão que uma atleta de alto desempenho vivencia, não somente na parte de competição - advindos da equipe técnica e de treinamento - e dos torcedores, mas também no meio familiar, podem gerar um nível elevado de estresse, se não for bem preparado psicologicamente. Essas formas também podem causar redução no desempenho da atleta já que está vinculado ao agravamento da tensão muscular e déficits de atenção. As estratégias de enfrentamento são ações conscientes, partes de um processo complexo e premeditado, com direção ao futuro e com objetivo de alívio em situações estressoras, as quais são inseparáveis da prática esportiva (RIZZATO et. al., 2016).

Uma das atletas entrevistadas conta como faz para lidar com os desafios vivenciados em seu cotidiano como jogadora de futebol:

Eu sempre deixei as coisas irem conforme o que Deus tem pra mim, entendeu? Eu sempre botei tudo na mão de Deus e, graças a ele, tudo eu conseguia lidar, tipo assim, tudo ele me dava resposta pra tudo. Se fosse como antes, eu saia 3 horas da madrugada, antes de eu sair eu falava "ô meu Deus, me guarda, me protege, guia meu caminho para que eu chegue bem e volte bem pra minha casa", e assim era [...] quando

me julgavam, eu parava, respirava e entregava tudo na mão de Deus, e tudo dava certo. (Debinha)

Crenças e práticas religiosas estão bastante associadas com boa saúde mental e física. Quanto ao envolvimento espiritual em relação a algumas doenças, vários estudos apontaram resultados positivos. Quanto ao envolvimento espiritual com relação à saúde psicológica, a maioria dos estudos interligam com um maior nível de satisfação com a vida, com a sensação da vida possuir um sentido e com um bem-estar. As estratégias de enfrentamento vinculadas à religiosidade e espiritualidade estão associadas a um melhor suporte social e baixos níveis de distúrbios emocionais (PANZINI; BANDEIRA, 2007).

Foi destacado também por uma jogadora a importância do suporte familiar no desempenho esportivo: “Eu sempre ligo pro meu pai antes do jogo, que é uma pessoa que tem me incentivado muito (Formiga).”

Em um estudo feito por Vissoci et. al. (2013), foi notado que as atletas de futebol sempre recorrem aos amigos e membros da família quando precisam de ajuda para saber lidar com as complicações da carreira futebolística. E, quando se trata da importância de pessoas em suas vidas, as atletas se referiram aos familiares como a chave principal das suas vidas. Esse suporte social advindo da base familiar pode estar interligado à ideia desta ser uma instituição provedora das primeiras formações de seu desenvolvimento, com a menor probabilidade de abandono repentino em situações complicadas.

Boa parte das atletas basearam suas estratégias de enfrentamento em ultrapassagem de obstáculos, sentindo-se desafiadas e estimuladas a obter melhor rendimento no desempenho sob pressão. Uma das jogadoras relatou:

Por mim passa por um ouvido e sai pelo outro, só que tem meninas que não, né? Tem o psicológico mais fácil e finda afetando, mas eu mesma eu finjo que nem ouço, entendeu? Já sei que quando eu entro em campo eu posso ouvir isso, nem toda vez, claro, a gente não ouve né, mas quando acontece é bola pra frente (Andressinha).

A característica psicológica que está orientada para a sensação de desafio e estímulo em consonância com o melhor rendimento em situações estressoras é fundamental para as atletas alcançarem ou manterem o seu alto rendimento, o qual se faz necessário na prática esportiva. Essas atletas, quando se deparam com momentos adversos, conseguem se sentir estimuladas para conseguir conquistar bons níveis de concentração e autoconfiança (RIZZATO et. al., 2016).

A gente tem que gostar real, tipo, demais mesmo. Tu tem que colocar na cabeça e falar "olha, eu vou passar por isso, isso e isso, mas porque eu gosto mesmo", porque tipo assim, se for uma pessoa que tá ali, mas começa a ver os problemas e sai, entendeu? Começa a ver e sai, então tipo assim tem que gostar mesmo! (Marta).

A jogadora Marta relata um querer elevado que também traz à tona a habilidade de autoconfiança, mas também de motivação. E esta última está muito mais conectada com a capacidade da atleta de acreditar nas suas potencialidades e com a sua permanência na positividade e concentração, mesmo em ocasiões turbulentas (RIZZATO et. al., 2016).

Todas as formas supracitadas de enfrentamento das jogadoras entrevistadas são oriundas de um posicionamento de investimento de tempo e disposição voltada para a qualidade técnica e tática da equipe, buscando fortalecer uma rede que propõe condições para se manterem nessa prática esportiva tradicionalmente masculina. Desta forma, conseguem, ainda que aos poucos, chacoalhar as atuais representações de gênero.

Considerações finais

Ao término deste trabalho, podemos observar que os desafios vivenciados pelas mulheres jogadoras entrevistadas estão concentrados no ‘ser mulher no futebol’ e que elas utilizam estratégias de enfrentamento variadas para lidar com tais desafios.

Dentre as dificuldades identificadas do cotidiano dessas atletas, está o forte calor da cidade e também o fato de que algumas sentem saudade de casa e da família, pois saíram de suas cidades natais para serem inseridas no futebol profissional. Para conseguir adentrar nesse mundo futebolístico profissional, foi unânime a presença da ideia de que é necessário muita força de vontade para entrar e se manter na carreira deste esporte.

Apesar da participação das mulheres na prática do futebol ter aumentado nos últimos anos, ainda há vários obstáculos no caminho da carreira profissional das mulheres do futebol feminino no Amazonas. Desde o preconceito de gênero sofrido através da torcida e sociedade em geral até a diferença significativa nas remunerações quando comparadas às dos jogadores homens, as mulheres vivem uma época esportiva que já evoluiu bastante desde os tempos em que sequer poderiam jogar bola, mas que ainda precisam usar suas trajetórias para alçar voo na luta pela igualdade de gênero.

As limitações do estudo envolveram a dificuldade de encontrar as participantes, que, no caso, se dá por o futebol feminino ser pouco difundido na região. Dito isto, o presente estudo foi um recorte e mais pesquisas são necessárias para uma melhor compreensão dos desafios e das estratégias de enfrentamento das atletas mulheres no futebol feminino no contexto amazônico. Desta forma, faz-se necessário dar visibilidade ao universo das mulheres jogadoras profissionais de futebol feminino, para que assim haja reconhecimento e incentivo por parte dos investidores, patrocinadores e apoiadores do futebol.

Referências

ALMEIDA, C. S. **Do sonho ao possível**: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras. 2018, 254f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

ANJOS, L. A.; RAMOS, S. dos S.; JORAS, P. S.; GOELLNER, S. V. Mudando cabeças, corpos e campos: a experiência do guerreiras Project no empoderamento de mulheres por meio do futebol. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 441-54, 2018.

ARAUJO, M. de F. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **Psicol. clín.**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 41-52, 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2009.

BATISTA, R. S.; DEVIDE, F. P. Mulheres, futebol e gênero: reflexões sobre a participação feminina numa área de reserva masculina. **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 14, n. 137, p. 1-10, 2009.

BRUHNS, H. T. **Futebol, carnaval e capoeira**. Campinas: Editora Papirus, 2000.

BUTLER, J. Actos performativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: MACEDO, A. G.; RAYNER, F. (Org.). **Gênero, cultura visual e performance**. Antologia crítica. Minho: Universidade do Minho/Húmus, 2011, p. 34-48.

CHAVES, A. M. A. **Paixões e cores da torcida baré**: significados sociais do ato de torcer por um time de futebol profissional em Manaus. 2013. 100f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2013.

COSTA, J. E.; DIAS, N.; OLIVEIRA, E. A.; ABURACHID, L. C.; GRUNENVALDT, J. T. A. A mulher em quadra: Evidências contemporâneas do contato inicial com futsal. **Rev. Bras. de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 10, n. 41, p. 694-702, 2018.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2 ed, Artmed. Porto Alegre, 2007.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

FERREIRA, M. J. P. et. al. Preconceito no futebol feminino no Brasil: uma revisão narrativa. **Rev. Diálogos em Saúde**, Cabedelo, v. 1, n. 2, p. 112-128, 2018.

FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Rev. Bras. de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

GENEROSO, N. H. P. **Mulheres, mídia, educação e futebol**: a (des)construção do esporte no Brasil. 2016. Monografia (Curso de Jornalismo) – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG, 2016.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Editora da UFRGS. Porto Alegre, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Editora Atlas S.A. São Paulo, 2002.

GOELLNER, S.G. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira Educação Física Esp.**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-51, 2005.

GORTÁZAR, N. G. CBF anuncia igualdade de pagamento de diárias para as seleções de Marta e Neymar. **El País**, São Paulo, 3 set. 2020. Seção Esportes. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/esportes/2020-09-03/cbf-anuncia-igualdade-de-pagamento-diarias-para-as-selecoes-de-marta-e-neymar.html#:~:text=%E2%80%9CDesde%20mar%C3%A7o%20deste%20ano%2C%20a,%C3%A1ria%20as%20mulheres%20tamb%C3%A9m%20recebem>. Acesso em: 6 out 2020.

HAAG, F. R. O futebol pode não ter sido profissional comigo, mas eu fui com ele. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 142-160, 2018.

HADDAD, M. I. D.; HADDAD, R. D. Judith Butler: performatividade, constituição de gênero e teoria feminista. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 5, 2019, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: Realize Editora, 2017.

LIMA, E. V.; DANTAS, H. Translado Turístico Futebolístico. Notas sobre a profissionalização no futebol no Amazonas (década de 1960), **Somanlu**, Manaus, v. 14, n. 1, p. 81-97, 2014.

LIMA, N. C.; SOUSA, M. G. B. (In)visibilidade das mulheres nos campos de futebol: quebra de tabus e ampliação de sua presença no espaço público mediante a prática do esporte profissional. **Revista Eptic**, Alagoas, v. 18, n. 1. 2016.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Editora Vozes. Petrópolis, 2014.

MOREL, M.; SALLES, J. G. C. **Futebol feminino**. Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

PANZINI, R. G.; BANDEIRA, D. R. Coping (enfrentamento) religioso/espiritual. **Rev. Psiquiatr. Clím.**, São Paulo, v. 34, supl. 1, p. 126-135, 2007.

PISANI, M. da S. Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo. **Ponto Urbe [Online]**, São Paulo, v. 14, p. 1-11, 2014.

RIZATTO, M.; VITORINO, L. M.; SALLES, R. P.; CORTEZ, P. J. O. Estratégias de coping em atletas de futebol feminino: Estudo comparativo. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v.22, n. 4, p. 282-286, 2016.

ROSSI, M. R.; VITORINO, L.M.; SALLES, R. P.; CORTEZ, P. J. O. Estratégias de coping em atletas de futebol feminino: estudo comparativo. **Rev. Bras. Med. Esporte**, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 282-286, 2016.

SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W. Guerreiras de chuteiras na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 303-11, 2016.

SARDINHA, E. M. A estrutura do futebol feminino no Brasil. **Revista Hórus**, Ourinhos, v. 6, n. 1, p. 92-110, 2011.

SILVA, J. H. R. da. Gênero e futebol: os desafios da mulher na luta por reconhecimento social. **EFDeportes.com, Revista Digital**, Buenos Aires, v. 17, n. 175, 2012.

SOUZA, D. A. **O Brasil entra em campo**: Construções e reconstruções da identidade nacional. São Paulo: Annablume Editora Comunicação, 2008.

SOUZA, L. M. de; MAUX, A. A. B.; REBOUÇAS, M. S. S. Impedimento? Possibilidades de relação entre a mulher e o futebol. **Phenomenological Studies. Rev. da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 25, n. 3, p. 282-293, 2019.

TEIXEIRA, F. L. S.; CAMINHA, I. O. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 265-287, 2013.

TEIXEIRA, M. L. C. **Futebol, questões de gênero e desigualdade salarial**: uma análise descritiva para o Brasil. 2019. Monografia (Curso de Ciências Econômicas) – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019.

UNZELTE, C. **O Livro de Ouro do Futebol**. Rio de Janeiro-RJ: Ediouro, 2002.

VERARDI, C. E. L.; DE MARCO, A. Iniciação esportiva: a influência de pais, professores e técnicos. **Revista Eletrônica da Escola de Educação e Desportos – UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 103-119, 2008.

VILANI, L. H. P.; SAMULSKI, D. M. Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. In: SILAMI G. E.; LEMOS, K. L. M. **Temas atuais VII**: Educação Física e Esportes. Belo Horizonte: Editora Health. 2002, p. 9-26.

VISSOCI, J. R. N.; FIORDELIZE, S. de S.; OLIVEIRA, L. P.; NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A. A influência do suporte parental no desenvolvimento atlético de jogadoras de futsal. **Psicol. Teor. Prat.**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 145-156, 2013.

VOSER, R. C.; HERNANDEZ, J. A. E.; ORTIZ, L. F. R.; VOSER, P. E. G. A motivação para a prática do futsal: comparação entre atletas federados do sexo masculino e feminino. **Rev. Bras. de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 6, n. 21, p. 196-201, 2014.